



Matteo Ricci: um jesuíta ao encontro de Confúcio.

CARMEN LÍCIA PALAZZO*

Introdução.

A presente comunicação é parte de uma pesquisa mais ampla que está em andamento e que analisa o papel do jesuíta italiano Matteo Ricci (1552-1610) como uma ponte entre a Europa e a China, já que ele estabeleceu um fecundo diálogo entre universos culturais muito distintos – diálogo este possibilitado por seu verdadeiro interesse no pensamento de Confúcio. Respeitado e mesmo admirado por muitos letrados chineses que com ele conviveram, Ricci ou Li Madou, como é conhecido em mandarim, ainda hoje tem sua memória preservada na República Popular da China através de referências às suas atividades nos séculos XVI e início do século XVII na corte do Império do Meio.

O fascínio do Ocidente pela Ásia não é recente. Na Idade Média, mercadores, aventureiros e religiosos percorreram uma vasta rede de estradas, desertos e oásis que posteriormente, no século XIX, passou a ser conhecida como Rota da Seda. Alguns deles, como Pian di Carpine, Guilherme de Rubruck, Marco Polo e Odorico de Pordenone não apenas se aventuraram na difícil travessia dos desertos mas também deixaram relatos de valor histórico e antropológico sobre seus contatos com mongóis, chineses, tibetanos, uígures e outros povos que eram pouco conhecidos na Europa (PALAZZO: 2011).

A partir do século XVI, à medida em que se intensificavam as relações

* Pesquisadora Convidada do Centro Universitário de Brasília, Uniceub. Doutora em História pela Universidade de Brasília, pesquisadora dos Grupos Videlicet da Universidade Federal da Paraíba e do Grupo de Estudos Persas, da UnB.



2

comerciais dos europeus com o Extremo Oriente, crescia também o interesse do papado pelas atividades missionárias naquela região. Franciscanos, dominicanos e jesuítas, entre outros, eram enviados para catequizar as populações asiáticas. Em algumas situações, como nas ilhas Filipinas conquistadas pelos espanhóis, as missões estavam atreladas à conquista colonial, mas não era este o caso da China. Os portugueses que se estabeleceram na concessão de Macau interessavam-se pela península macaense como apoio para ampliar o comércio na região, tendo demonstrado sempre muito cuidado em não sinalizar nenhuma intenção de conquista do império chinês que pudesse prejudicar seus interesses comerciais (ALVES, 1999:58).

As atividades de catequese no interior do Império do Meio desenvolveram-se, então, com características bastante distintas das que se realizavam em territórios coloniais, tanto na Ásia quanto nas Américas portuguesa e hispânica. O relacionamento dos missionários com os chineses também teve contornos próprios com um intenso diálogo entre as partes. Os jesuítas, bem mais do que as outras ordens, adotaram uma estratégia de aculturação durante os quase duzentos anos nos quais foram protagonistas de uma fecunda comunicação com a Europa, através de relatos e cartas largamente difundidos entre os séculos XVI e XVIII.

A China imperial, ciosa de sua força em grande parte enraizada no reconhecimento de tradições milenares e em uma férrea estrutura hierárquica, estava longe de ser um terreno fértil para a atividade missionária. O poder centralizado na Corte era exercido em todo o território, com a autorização do imperador, pelos mandarins que se constituíam na elite letrada do país, selecionados sempre através de um rígido sistema de concursos.

A solução encontrada pelos jesuítas para a aceitação de suas atividades no interior do império foi tanto o aprendizado do idioma quanto a total familiarização com os códigos de conduta daquela sociedade. Como ponto de partida para suas atividades foi importante a existência do enclave português de Macau, primeira etapa para contatos com os chineses e especialmente para o estudo da língua. No entanto, os missionários que tinham como objetivo entrar na China continental faziam da península macaense apenas o ponto inicial de seu aprendizado, diferente dos padres que ali se fixavam para atender aos católicos portugueses e a alguns asiáticos convertidos.

O pioneirismo de Matteo Ricci.

A entrada de estrangeiros em geral, e não apenas de missionários, no interior da China era uma empreitada difícil, pois dependia sempre de autorização do imperador. Entre os missionários, os pioneiros foram dois padres jesuítas italianos, Michele Ruggieri e Matteo Ricci. Ambos teceram boas relações com diversos funcionários da Corte e, com muita habilidade e paciência, acabaram conseguindo a permissão para deixar Macau e penetrar no interior do continente, onde estabeleceram missões em mais de uma cidade (DUCORNET, 2010: 48-52). Ruggieri, no entanto, retornou à Itália preferindo não se fixar no território chinês de maneira definitiva, deixando Ricci no comando das estratégias de aproximação com os funcionários chineses. A parte mais importante da estratégia escolhida pelos inicianos para dar início a um bom relacionamento com os funcionários-mandarins de diversos níveis foi o aprendizado da língua, no que Matteo Ricci se destacou (ZHU, 2010: 22-25). O processo de imersão na sociedade chinesa, justamente facilitado pelo aprendizado do idioma, permitiu ao pioneiro Ricci e



4

depois aos jesuítas de um modo geral, que eles lançassem um olhar positivo sobre o Outro, reconhecendo as diferenças, buscando as semelhanças mas mantendo-se essencialmente europeus.

É possível dizer que os relatos deixados por Matteo Ricci sobre suas vivências na China podem ser considerados semelhantes ao trabalho dos modernos antropólogos. Segundo Mondher Kilani, tal trabalho antropológico “é o de mediação entre a identidade e a diferença” (KILANI, 1994: 14). Ainda de acordo com Kilani: “O exotismo não é a reconfiguração do Outro a partir do mesmo, pois isto seria certamente a sua perda, mas o reconhecimento fascinado de sua distância” (KILANI, 1994: 12). Nesta perspectiva, é possível afirmar que os escritos do jesuíta mantém o fascínio da diferença, mesmo que o inaciano tenha buscado a integração na sociedade chinesa, através de sua identificação com o mandarinato letrado (PALAZZO, 2014: 22).

Ricci viveu durante 28 anos na China, de 1582 até 1610, quando faleceu em Beijing. Durante muito tempo aguardou a autorização imperial que se fazia necessária para o estabelecimento na capital, o que nem sempre era permitido mesmo para os que, como ele, já estivessem oficialmente instalados em outras cidades no interior do continente. A autorização foi conseguida somente em 1601 por influência de diversos relacionamentos que o missionário soube cultivar, demonstrando seus conhecimentos científicos e presenteando as autoridades locais com objetos trazidos da Europa e que não eram conhecidos na China.

Inicialmente Ricci procurou, como estratégia de integração à sociedade local, assemelhar-se a monges budistas, já que os jesuítas eram também religiosos e celibatários. Todos os inacianos na China passaram então a raspar a cabeça e a



5

barba e a usar as mesmas túnicas dos *bonzos* (FONTANA, 2011: 44). Porém, com o tempo, Matteo Ricci, que era um bom observador, deu-se conta de que na China os monges budistas não tinham tanto prestígio quanto no Japão e, apesar de algumas exceções, a elite intelectual e administrativa era majoritariamente confucionista.

Ciente desta especificidade chinesa e contando com o total apoio do visitador e supervisor das missões na Ásia, Alessandro Valignano, o inaciano pioneiro em matéria de adaptação de comportamentos levou os demais jesuítas a dar o que viria a ser considerado um passo decisivo para sua aceitação por parte do mandarinato: abandonar o hábito budista e passar a endossar as refinadas vestes de seda dos letrados, deixando crescer os cabelos e a barba. Os missionários inacianos integravam-se, assim, ao que era considerado o mais alto patamar do Império, sua elite de altos funcionários

Foi a imagem dos missionários-mandarins (KIRCHER:1667) que passou a circular na Europa, mantendo-se até o século XVIII, mas não isenta de considerações críticas, principalmente por parte dos franciscanos. Em resposta às muitas críticas da época, o padre Alessandro Valignano¹ grande incentivador do estilo de missão dos jesuítas na China e profundo conhecedor das sociedades asiáticas, deixou bem claro o que considerava “calúnias” contra os padres da Companhia de Jesus. De acordo com Valignano:

“(...) quanto ao que diz Frei Martín [um irmão missionário franciscano] que

¹ Agradeço ao professor dr. Hirochika Nakamaki, do Museu Nacional de Etnologia de Osaka, que conheci em Xangai, pelo envio de uma cópia da obra de Alessandro Valignano em sua versão original (em espanhol), essencial para a minha pesquisa (VALIGNANO, 1598/1998).^[1] Agradeço também ao professor dr. Jorge Cardoso Leão por valiosas indicações bibliográficas sobre os jesuítas na Ásia.

vestem-se [os jesuítas] em *trajes de chineses e que não tratam de conversão, é verdade que andam vestidos à maneira de letrados chineses e que trazem as barbas crescidas e também os cabelos até as orelhas (...) isto se fez por ordem minha e pelo parecer de muitas outras pessoas sérias e letradas da Companhia* (VALIGNANO, 1598/1998: 88)².

E, mais adiante:

(...) entendemos que os Padres, fazendo ofício de homens letrados, teriam mais fácil entrada com todos e poderiam melhor e com mais autoridade divulgar nossa santa lei para os chineses, e não se deve reprender e nem ironizar este método, como faz o frade, a quem parece que toda a religião consiste no hábito, o qual, ainda que seja bom, “não faz o monge”, como se diz nos cânone sagrados (VALIGNANO, 1598/1998: 89).

O frade ao qual Valignano se referia era Martín Loinez de la Ascención, um crítico contundente do trabalho dos inacianos no Oriente. O visitador, porém, destaca em sua *Apología* que outros franciscanos também deram informações “muito caluniosas e prejudiciais para a nossa Companhia, e bem diferentes e contrárias do que se passa na verdade” (VALIGNANO, 1598/1998: 1).

O historiador Horácio Peixoto de Araújo também se refere às críticas e aponta que uma das acusações mais frequentes que franciscanos e dominicanos faziam aos métodos de catequese dos jesuítas era a de que estes não enfatizavam de forma muito firme a imagem de Jesus crucificado (ARAÚJO, 2000: 239). É verdade que os padres da Companhia de Jesus sempre deram preferência a belas reproduções de

² Todas as traduções das fontes ou bibliografia em língua estrangeira são minhas.

telas europeias representando a Sagrada Família, pois certamente já haviam percebido, em seus contatos com os letrados, que a cultura chinesa era voltada para a busca do equilíbrio e da beleza na arte, sem nenhuma evocação de sofrimentos físicos. É possível afirmar que a escolha de não enfatizar a imagem dolorosa de Cristo demonstrava justamente a sensibilidade dos inicianos para com o pensamento do Outro, evitando que a catequese se desse através de um choque cultural.

O pesquisador Zhang Xiping enfatiza o interesse motivado pelo que era considerado “estranho” pelos chineses. Esta curiosidade favorecia os jesuítas pois suscitava diversos encontros com as autoridades, que sempre tomavam a iniciativa de procurá-los. Quando os chineses letrados começaram a se aproximar dos missionários, muitos deles o fizeram por grande curiosidade:

(...) relógios e prismas triangulares eram mostrados pelos jesuítas e jamais tinham sido vistos [pelos chineses]. Quando Michele Ruggieri e Matteo Ricci chegaram em Zhaoqing, o que atraiu o governador local foi justamente ambos os objetos. Em Nanjing, muitos oficiais e letrados foram visitar Matteo Ricci assim que souberam que ele havia levado coisas estranhas para a cidade (ZHANG, 2009: 38).

Da parte dos chineses foi, portanto, o estranhamento e a diferença que se tornaram a chave de atração em relação aos europeus em um império que estava em um período no qual ele se havia tornado bastante fechado aos contatos externos. E a percepção deste fato por Matteo Ricci era importante para que os contatos se desenvolvessem e para que ele tivesse a oportunidade de se inteirar sobre os comportamentos daquela sociedade que também o atraía.

O jesuíta e o Confucionismo

Em todos os seus escritos fica bastante evidente que Ricci demonstrou grande capacidade para apreender muitas características da cultura chinesa, analisando-as com real interesse. Em uma das passagens escreve:

O maior filósofo entre eles é Confúcio que nasceu quinhentos e cinquenta e um anos antes da vinda do Senhor ao mundo e viveu mais de setenta anos de uma boa vida ensinando esta nação com palavras, obras e escritos; de todos é tido e venerado como o mais santo homem que teve o mundo. E, na verdade, naquilo que disse e na sua boa maneira de viver, de acordo com a natureza não é inferior aos nossos antigos filósofos, excedendo a muitos deles (RICCI, 2010: 28-29)³.

Ricci demonstra admiração pelos ensinamentos de Confúcio, ao qual se refere em diversas passagens de seu texto destacando, com muita propriedade, que os chineses não o consideravam uma divindade, honrando sua memória como homem e não como Deus (RICCI, 2010: 29). Tal afirmação permitia que os missionários aceitassem as homenagens prestadas a Confúcio pelos chineses convertidos ao catolicismo, sem considerá-las como manifestações de idolatria. Mais tarde, porém, as práticas de missionação dos primeiros jesuítas no Império do Meio seriam contestadas não apenas por outras ordens, mas até mesmo pelo Vaticano, levando a

³ As duas edições mais acuradas da grande obra de Ricci na qual ele relata os anos em que viveu na China são: 1) a comentada por P. Pasquale d'Elia, S.J., sob o título de *Storia dell'introduzione del Cristianesimo in Cina* ; 2) a editada por Piero Corradine a partir do manuscrito original do Arquivo Romano da Companhia de Jesus e comentada por Maddalena del Gatto, que mantém o título original dado por Ricci, *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*. Esta última foi a fonte escolhida para nossa pesquisa já que, em sua fidelidade ao manuscrito, mantém a linguagem do autor (repleta de influências do português, do espanhol e mesmo do mandarim), sem alterações por parte do editor e com comentários importantes (RICCI, 2010).



9

ácidas disputas entre os religiosos e também com as autoridades chinesas (PALAZZO, 2014: 28-29)

O papel de grande relevância que era exercido pelos letrados tanto na Corte quanto nas mais altas funções da administração impressionou favoravelmente Matteo Ricci, que fez também referência aos rigorosos exames imperiais (RICCI, 2010: 32-38). Estas imagens de valorização do mandarinato, da dedicação aos estudos e sobretudo da obra de Confúcio foram difundidas na Europa, em grande parte como consequência dos relatos dos jesuítas que olhavam com evidente admiração para um império que prestigiava sua elite intelectual.

A saga de Matteo Ricci até sua instalação definitiva em Beijing foi repleta de aventuras, de contatos com funcionários chineses fascinados por aquela exótica figura que falava sua língua e interessava-se por seus comportamentos. Em mais de uma localidade em que ele se estabeleceu procurando realizar algumas conversões de chineses para o cristianismo, amealhou diversos aliados e despertou grande curiosidade, ainda que as conversões não fossem em número elevado. No entanto, fundar uma igreja na capital do império era seu objetivo maior, pois assim esperava conseguir alguns adeptos do cristianismo junto à corte e, quem sabe, até converter o próprio imperador.

Na cidade de Nanchang o inaciano conseguiu, através de sua habilidade em fazer contatos, relacionar-se com membros da família imperial que ali viviam, entre eles o príncipe de Jian'an, Zhu Duojie. O príncipe não ficou alheio ao fato de que um então já famoso letrado estrangeiro que tinha conexões importantes entre o mandarinato estava na cidade e manifestou interesse em conhece-lo. Iniciaram-se, assim, encontros, jantares e trocas de presentes, um ritual típico da sociabilidade

chinesa (HSIA, 2010: 154).

De acordo com Ricci, o príncipe o havia questionado, durante uma conversa, sobre as características da amizade na Europa, o que o levou a escrever um pequeno livro sobre o tema, com 100 máximas de autores ocidentais, escolhendo as que mais se aproximavam da definição de amizade do confucionismo.⁴ Na Introdução deste pequeno livro, o inaciano escreve que:

(...) eu pude visitar o grande príncipe Jian'an. Ele me recebeu de boa vontade, me autorizando a saudá-lo longamente com as mãos juntas. Fez-me sentar no lugar de hóspede, serviu-me vinho açucarado, honrando-me. O príncipe, em seguida, se aproximou, segurando minhas mãos e disse: "Cada vez que um cavaleiro virtuoso se digna a passar por minhas terras eu não deixo de convidá-lo e de lhe dar testemunho de minha amizade e de meu respeito. As nações do Extremo Ocidente são países de grande moral. Eu ficaria feliz de ouvir algumas considerações sobre a amizade, o que o senhor acha?" Deixando-o eu comecei a redigir o que eu sabia deste assunto desde a minha infância. Eu escrevi o opúsculo que apresento aqui com grande humildade. (RICCI, 2006: 27)

A excepcional memória de Ricci fazia com que ele pudesse lembrar do que havia lido anos antes e, portanto, o que escreveu no Tratado da Amizade continha referencias a diversos autores que faziam parte da educação europeia clássica de sua época. Sem dúvida, sua admiração pelo Confucionismo o levava a aproximar a cultura que havia adquirido na Europa do pensamento chinês, procurando

⁴ A tradução francesa do Tratado da Amizade de Matteo Ricci realizada por Philippe Che é considerada muito fiel ao original em mandarim. Ver RICCI, Matteo. *Traité de l'Amitié*. Ermenonville: Éditions Noé, 2006. (Ed. bilingüe français/chinois).



11

demonstrar os pontos de semelhança entre ambos.

É importante destacar que nem todos os missionários tinham a mesma formação intelectual do mais alto nível mas, no caso de Matteo Ricci, ele era oriundo do respeitado Colégio de Roma, atual Universidade Gregoriana, tendo estudado com grandes mestres do Renascimento, entre eles o grande matemático Clavius. Isto certamente facilitava seu trânsito entre os letrados chineses que se constituíam na elite do mandarinato. E, com seu real interesse em conhecer de perto o pensamento confucionista, a aproximação com seus pares do Império do Meio ocorria com relativa facilidade.

Conclusão.

O pioneirismo de Matteo Ricci abriu caminho para que um importante encontro cultural entre os jesuítas e os chineses prosseguisse até a supressão da ordem, em 1773, pelo Papa Clemente XIV. Depois de Ricci, diversos outros inicianos foram bem recebidos na corte chinesa, com especial destaque para o período do Imperador Kang Xi, que reinou entre 1661 e 1722. Com o recrudescimento das críticas por parte de outras ordens, porém, as relações entre os missionários e o mandarinato foram se tornando mais tensas até a bastante virulenta Querela dos Ritos, em virtude da qual o Vaticano proibiu que fosse tolerado o culto aos ancestrais, na cerimônia confucionista, por parte dos chineses convertidos ao catolicismo.

Atualmente, na China, a memória do encontro com os jesuítas está presente e muito bem preservada em diversos museus, principalmente no Antigo Observatório Astronômico Imperial e também no cemitério Jesuíta, em Beijing, onde está



12

enterrado, junto com muitos outros companheiros, Matteo Ricci. No cemitério, testemunho de uma época na qual os imperadores respeitavam aqueles que eram detentores de muitos saberes, há dezenas de túmulos de missionários inacianos que, de alguma maneira, se relacionaram com os letrados chineses.

Referências:

Fontes primárias.

KIRCHER, Athanasius. *China Monumentis, Qua Sacris, quà Profanis, nec non variis Naturae & Artis Spectaculis, Aliarumque rerum memorabilium Argumentis Illustrata*. Amsterdam: Janssonius van Waesberge & Elizer Weyerstraten, 1667.

RICCI, Matteo *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*. Macerata: Quodlibet, 2010 (Editado por Piero Corradini a partir do manuscrito do Arquivo Romano da Companhia de Jesus, em: *Jap.-Sin.*, 106a.).^{[1][2][3][4][5][6][7][8][9][10][11][12][13][14][15][16][17][18][19][20][21][22][23][24][25][26][27][28][29][30][31][32][33][34][35][36][37][38][39][40][41][42][43][44][45][46][47][48][49][50][51][52][53][54][55][56][57][58][59][60][61][62][63][64][65][66][67][68][69][70][71][72][73][74][75][76][77][78][79][80][81][82][83][84][85][86][87][88][89][90][91][92][93][94][95][96][97][98][99][100]}

RICCI, Matteo. *Traité de l'Amitié*. Edição bilíngue mandarim/francês, tradução do original em mandarim de Philippe Che. Ermenonville: Éditions Noé, 2006.

VALIGNANO, Alessandro. *Apología de la Compañia de Jesús de Japón y China/ Apología en la cual se responde a diversas calumnias que se escribieron contra los padres de la Compañia de Jesús de Japón y de la China*. Osaka: Eikodo, 1598/1998.

Bibliografia:



13

ALVES, Jorge Manuel dos Santos. *Um Porto entre Dois Impérios*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1999.

ARAÚJO, Horácio Peixoto de. *Os Jesuítas no Império da China. O primeiro século (1582-1680)*. Macau: Instituto Português do Oriente, 2000.^{[1][2]}_[SEP]

DUCORNET, Étienne. *Matteo Ricci, le lettré d'Occident*. Paris: Cerf, 1993.^{[1][2]}_[SEP]

FONTANA, Michela. *Matteo Ricci: un gesuita ala corte dei Ming*. Milão: Mondadori, 2008.

HSIA, R. Po-Chia. *A Jesuit in the Forbidden City (Matteo Ricci)*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KILANI, Mondher. *L'invention de l'autre*. Lausanne: Éditions Payot Lausanne, 1994.

PALAZZO, Carmen Lícia. Os jesuítas como atores privilegiados na comunicação de imagens da China para a Europa: séculos XVI a XVIII. *Revista Tuiuti: Ciência e Cultura*, n. 48, p. 13-31, Curitiba, 2014.

PALAZZO, Carmen Lícia. Relatos ocidentais sobre os khanatos mongóis: Pian di carpine e Rubruck. *Revista Signum*, 2011, v., n. 2, 2011, p. 124-138.^{[1][2]}_[SEP]

ZHANG, Xiping. *Following the steps of Matteo Ricci to China*. Beijing: China Intercontinental Press, 2009.^{[1][2]}_[SEP]

ZHU, Jing. *Missionary in Confucian Garb* (edição bilíngue inglês/mandarim). Beijing: China Intercontinental Press, 2010.

